

INDÚSTRIA

O crescimento não sustentado da produção industrial

*Flávio Benevett Fligenspan**

A indústria de transformação brasileira

Chegando-se ao final de 1989, é possível dizer que este foi um ano atípico no que se refere ao desempenho da indústria de transformação brasileira. Essa atipicidade tem uma relação direta com três fatos importantes, a saber: o Plano Verão — última tentativa (frustrada) do Governo Sarney de combate à inflação —, a eleição presidencial do final do ano e as taxas recordes de inflação. Há que se considerar que os dois últimos aspectos geraram um clima de incerteza e conseqüente insegurança, que acabou, ironicamente, transformando-se em estímulo ao consumo, ao investimento e à produção.

É possível visualizarem-se, ao longo do ano, quatro fases distintas das taxas de crescimento da produção industrial. Na Tabela 5, que mostra as taxas de crescimento acumuladas por períodos selecionados (compara-se, portanto, cada período de 1989 com o seu correspondente de 1988), observa-se que os primeiros quatro meses do ano apresentam uma forte queda na produção para todas as categorias, mas especialmente para bens de capital. Essa queda pode ser entendida como uma conseqüência imediata da implantação do Plano Verão (em janeiro), que trouxe a incerteza habitual dos chamados planos de estabilização, associada a uma elevação da taxa de juros real, como medida de contenção da demanda e como tentativa de evitar a formação de estoques especulativos.

Tabela 5

Taxas de crescimento acumuladas da produção industrial brasileira,
por categorias de uso, em períodos selecionados — 1989

	(%)			
DISCRIMINAÇÃO	JAN-ABR	MAIO-JUN	JUL-AGO	SET-OUT
Indústria de transformação	-6,05	4,89	7,60	8,99
Bens de capital	-13,43	0,56	12,35	13,87
Bens intermediários	-4,77	4,60	5,30	7,06
Bens de consumo	-4,26	6,06	7,63	8,50
Duráveis	-2,07	3,90	12,75	4,02
Não duráveis	-4,79	6,60	6,43	9,59

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

NOTA: 1. As taxas têm como base o mesmo período de 1988.

2. Para o cálculo das taxas, foram utilizados os índices de base fixa mensal.

Os meses de maio — quando voltou a se verificar uma taxa mensal positiva — e junho mostram uma importante recuperação da produção, observando-se que todas as categorias de uso já apresentam taxas de crescimento positivas. Esse pode ser considerado um período de destaque, porque marca o ponto em que começam a se manifestar os efeitos dos três fatos citados. A partir desse período, há um incremento generalizado da demanda por bens de produção e de consumo, que acaba por puxar para agosto o tradicional pico de produção de outubro. Essa demanda aquecida é reflexo de uma tentativa de antecipação de consumo para fugir do descongelamento de preços num primeiro momento e, logo a seguir, de uma tentativa de transformação de ativos monetários em ativos reais.⁶ Para se ter uma idéia desse movimento, basta observar as excelentes taxas de crescimento, no bimestre maio-jun., dos gêneros minerais não-metálicos, que fornece insumos para a construção civil, e mecânica, de, respectivamente, 9,76% e 13,25%. São exemplos típicos de aplicação de recursos monetários em mercadorias, seja através de construção e reformas, seja através de máquinas e equipamentos.

O bimestre seguinte, julho e agosto, segue a tendência de crescimento da produção, porém com taxas ainda mais elevadas tanto para o total da indústria de transformação como para as várias categorias. Adquirem destaque os bens de capital — com uma expressiva alteração positiva na taxa de crescimento — e os bens de consumo durável, ambos refletindo a continuação do movimento anteriormente apontado. Trabalhando-se com um grau de abertura um pouco maior, pode-se verificar novamente o desempenho de alguns gêneros representativos da opção de busca de ativos reais: minerais não-metálicos apresenta incremento de 10,19% no bimestre; mecânica, de 20,03%; e material elétrico e de comunicações, que produz eletrodomésticos, de 14,87%.

Por fim, a taxa do bimestre set.-out. (8,99%) dá uma falsa noção de continuidade do movimento de aumento do crescimento. Para se explicar esse ponto, é necessário lançar mão dos índices de base fixa mensal⁷, cuja base (100) é a média mensal de 1981. Verifica-se, então, que o índice para o mês de outubro de 1988 é baixo (121,95) em relação ao que se espera normalmente de um mês de pico da produção industrial. Cotejando-o com o índice de outubro de 1989 (138,39), obtém-se a taxa de crescimento mensal de 13,48%, bastante alta, que vai acabar puxando para cima a taxa de

⁶ A esse respeito, ver o artigo **O caráter efêmero da retomada industrial** no número anterior desta revista.

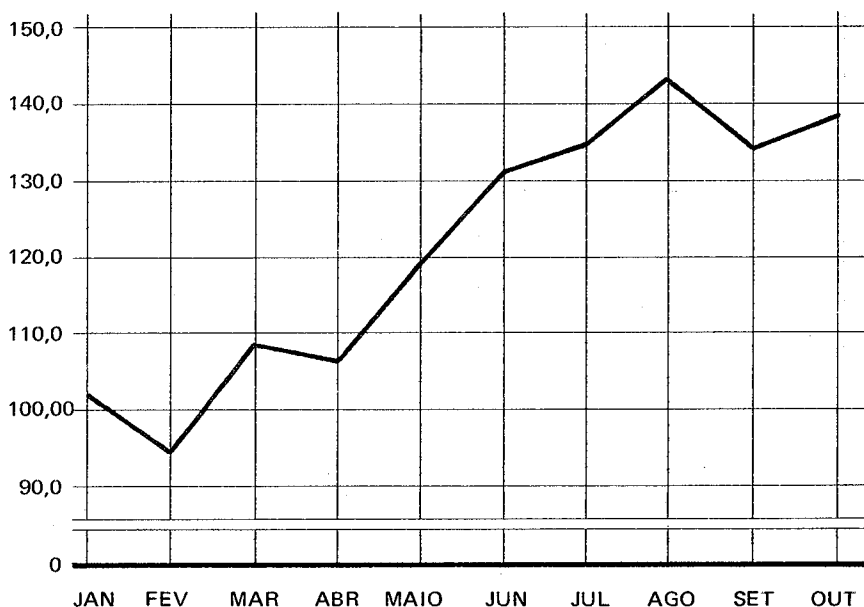
⁷ A tabela com os índices de base fixa mensal é publicada tradicionalmente no **Anexo Estatístico** desta revista.

crescimento do bimestre set.-out. O que ocorreu, na verdade, foi o chamado "efeito base", no qual a produção de um mês atipicamente baixa no ano anterior distorce o resultado da taxa de crescimento.

Duas questões devem ficar claras quando se examinam os índices de base fixa mensal. A primeira é que o mês de pico da produção em 1989 foi agosto (143,46), desbancando outubro de sua tradicional liderança; e a segunda é que setembro (134,45) já é um mês de desaceleração, ambos pontos facilmente demonstrados no Gráfico 3. Também é interessante observar como a curva do Gráfico 3 acompanha a mesma tendência indicada pelos dados da Tabela 5, permitindo quase a mesma segmentação do tempo. Os primeiros quatro meses apresentam índices muito baixos, ocorrendo uma recuperação a partir de maio, que se confirma em junho e julho e culmina no pico de agosto. Setembro já mostra uma desaceleração.

GRÁFICO 3

ÍNDICES DE BASE FIXA MENSAIS DA PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO BRASILEIRA – 1989



FONTE: IBGE.

NOTA: Os índices têm como base a média mensal de 1981 = 100.

Voltando a analisar a taxa de crescimento da produção e fazendo uma projeção para o fechamento do ano, é possível pensar numa expansão de aproximadamente 3%, conforme admite o próprio IBGE (GM, 16/18.12.89, p. 14). Isso se deve à taxa acumulada até outubro (2,32%) e à expectativa de uma taxa mensal alta em novembro, novamente devido a um "efeito base". Essa projeção, tomada isoladamente, pode ser saudada como muito boa num ano de inflação recorde, arrocho salarial e turbulência política. Porém, quando se entende que foi justamente o caráter de incerteza e a falta de confiança na estabilidade da economia que provocaram boa parte da expansão, deve-se encará-la com reserva. Seria, com toda certeza, preferível uma taxa menor e com maior **sustentação**, no sentido de se ter confiança na sua continuidade, do que uma taxa de 3% baseada no sentimento dos agentes econômicos de que é preciso antecipar-se ao caos, formando estoques, consumindo ou mesmo especulando.

A indústria de transformação gaúcha

A indústria de transformação gaúcha apresentou, ao longo do ano de 1989, desempenho muito semelhante ao da indústria brasileira. Os primeiros meses caracterizaram-se por resultados muito ruins, que começaram a se tornar cada vez melhores a partir de abril e maio. Com efeito, no exame da Tabela 6, observam-se taxas de variação acumuladas da produção industrial que alcançam valores positivos de junho em diante, chegando-se a outubro com uma taxa que permite projetar um crescimento próximo dos 3% para o ano. Tal como no caso da indústria brasileira, os meses de outubro e novembro embutem um "efeito base" importante nas taxas já verificadas e na projeção para o fechamento do ano, o que eleva os resultados de 1989. Para ter-se uma idéia desse efeito, basta avaliar o crescimento da produção em outubro de 1989, que é de 16,46% sobre o mesmo mês de 1988; sem dúvida uma taxa anormal, que só se justifica por uma base — outubro de 1988 — bastante fraca.

Fazendo-se uma análise dos gêneros que mais se destacaram no ano, deve-se citar mecânica, com um crescimento acumulado no período jan.-out./89 de 12,03%, cujos principais produtos foram os transportadores mecânicos de correia e esteira. Também merece destaque, pelas taxas de crescimento apresentadas e pelo peso que tem na estrutura industrial gaúcha, o gênero metalúrgica, que aumentou sua produção em 5,91% nos primeiros 10 meses do ano.

Os destaques negativos ocorrem por conta dos gêneros química e produtos alimentares, que têm importante participação na estrutura industrial. O primeiro deles acumulou um decréscimo de 11,25% na produção até

outubro, sendo que a responsabilidade maior pela queda é dos produtos fertilizantes compostos NPK e tintas a base de plástico. Quanto a produtos alimentares, a queda foi de 3,83% no mesmo período.

Tabela 6

Taxas de variação acumuladas de diversas variáveis da indústria de transformação gaúcha — 1989

	(%)									
DISCRIMINAÇÃO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
Produção física do IBGE	-1,48	-7,38	-7,60	-5,07	-1,94	0,02	0,97	0,95	0,87	2,32
Índice de Desempenho Industrial (IDI) do CEAG/IDERGS	1,00	-2,33	-2,32	-0,66	-0,86	-0,57	0,41	0,96	1,04	1,82
Compras	1,01	6,68	1,44	5,73	-0,23	3,11	6,57	8,63	8,81	10,37
Vendas	-31,07	-36,94	-36,16	-33,24	-31,79	-30,81	-29,94	-29,16	-29,29	-28,57
Pessoal ocupado	2,25	2,35	2,11	2,33	2,44	2,63	2,78	2,86	3,00	3,08
Salário médio	16,86	9,84	7,50	6,87	7,96	5,46	5,58	5,73	5,77	6,75

FONTE: IBGE.
CEAG/IDERGS.

Voltando à análise da Tabela 6 e avaliando-se as variáveis do CEAG/IDERGS, consta-se que o IDI apresenta uma evolução muito semelhante à das taxas de crescimento da produção do IBGE, com valores negativos até junho e, a partir daí, crescimento. Chama atenção, porém, a continuação da defasagem, já apontada no trimestre anterior, entre as taxas positivas da variável compras e as taxas negativas da variável vendas. Esse foi um movimento que se sustentou ao longo de todo o ano e que dá margem à elaboração de algumas hipóteses para tentar explicar tamanho desencontro das informações.

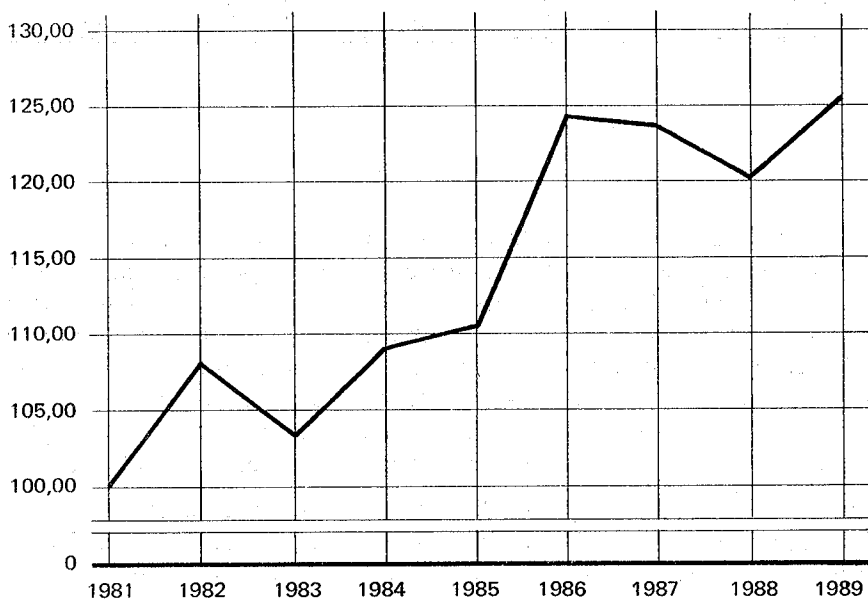
A primeira delas é a possibilidade de as empresas estarem especulando com estoques. Essa hipótese sustenta-se, apesar da existência de taxas de juros reais positivas, pois, se há a expectativa de que os preços industriais terão reajustes maiores que a remuneração do mercado financeiro, não há porque não admitir, especialmente diante da possibilidade de as autoridades econômicas perderem o controle da inflação, o que traz ainda o risco do desabastecimento.

A segunda hipótese refere-se à possibilidade de as empresas terem contabilizado vendas em valores menores do que os realmente praticados. Essa alternativa é corroborada pelo crescimento das variáveis pessoal ocupado e energia elétrica, a última com expansão de 7,98% nos 10 primeiros meses do ano. Não teria sentido o incremento nas variáveis ligadas diretamente à produção se as quantidades vendidas estivessem caindo, assim como não é razoável se pensar que a queda nas vendas reflete apenas um movimento de diminuição de preços.

Por fim, através do Gráfico 4, que traz as médias dos índices de base fixa mensais da indústria de transformação gaúcha desde 1981, pode-se observar que o ano de 1989 apresenta o nível de produção mais alto,⁸ superando com pequena margem a produção de 1986— ano de forte expansão, devido ao Plano Cruzado— e de 1987. Contudo valem aqui as mesmas observações feitas anteriormente a respeito da falta de sustentação desse crescimento.

GRÁFICO 4

MÉDIA DOS ÍNDICES DE BASE FIXA MENSAIS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL — 1981-89



FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

NOTA: Para os anos de 1981 a 1988, a média refere-se aos 12 meses, e, para 1989, a média é dos 10 primeiros meses.

⁸ Para os anos de 1981 a 1988, a média refere-se aos 12 meses, e, para 1989, a média é dos 10 primeiros meses. Porém, se se usasse para todos os anos a média dos 10 primeiros meses, os resultados não teriam alterações significativas.